

9. A realidade da inclusão

A filosofia da inclusão ainda está muito aquém de ser posta em prática da forma como realmente se espera. Para que se tenha uma escola para todos, temos que conceber professores que estejam dispostos a olhar o aluno antes de qualquer outro predicado que este educando venha ter. Apesar de alguns professores pontuarem algumas dificuldades, tal mudança já está ocorrendo para outros que não percebem problemas na inclusão de alunos portadores Paralisia Cerebral.

- **Professores que acham que não há problemas na inclusão.**

Para muitos professores, a inclusão é vista como uma prática positiva, tanto para o aluno portador de Paralisia Cerebral, quanto para os outros alunos. Estes professores nos relataram que não existe nenhuma interferência negativa deste aluno no desenrolar de suas aulas, como , por exemplo, um professor que destacou, em sua fala, a solidariedade da turma com este aluno:

“ Não, não acho que interfira não, porque os alunos, eles são muito solidários com este tipo de aluno. Os colegas mesmos, procuram ajudar muito. Não interfere não de maneira nenhuma.”

A solidariedade é um valor importante na relação humana, pois é, a partir dela, que se constroem outros tipos de sentimentos. É importante que a escola incentive este sentimento solidário, pois, desta forma, estará contribuindo para uma sociedade melhor, com igualdade e justiça para todos. A presença do aluno portador de Paralisia Cerebral favorece a oportunidade de gerar, em sala de aula, este tipo de postura diante da vida.

Outro professor destacou em sua entrevista a boa aceitação da turma com relação a este aluno:

“ Não interfere em nada , nada. Pelo contrário, ele faz parte da turma. Eles são extremamente bem aceitos e a turma brinca muito com eles e eles respondem, eles se interagem numa boa.”

A aceitação dos alunos e a solidariedade que citamos acima talvez sejam uns dos pontos mais importantes da inclusão, pois a turma aprende a reconhecer a

diferença como um atributo natural daquele aluno, se relacionando e colaborando com esse processo com naturalidade, respeitando suas diferenças.

Mas, ainda há muitos professores que dizem existir problemas na inclusão destes alunos. Durante as entrevistas foram enfatizados dois tipos de problemas: os estruturais e os causados pelas peculiaridades dos alunos. Verificamos, também, que todos os nossos entrevistados nunca haviam trabalhado nenhum tema referente a pessoas portadoras de deficiência em sala de aula. Isso nos mostra que há uma dificuldade de tratar o assunto com naturalidade, o que pode ser prejudicial à inclusão, pois o que não é falado fica no domínio do juízo consensual.

A grande pergunta que perpassa toda a análise que fizemos do material coletado é como os professores vão contribuir para uma sociedade mais justa para todos, se muitos deles ainda se detêm diante dos problemas na inclusão, paralisando-se e, a partir daí, nada fazendo?

- **Problemas estruturais**

Tivemos a impressão de que os professores que fizeram alusão aos problemas estruturais, se apropriaram desses problemas como uma forma de defesa para não se empenhar na busca da excelência do processo de inclusão escolar desses alunos. Um dos problemas apontados foi a duração do tempo de aula que foi considerada, por alguns professores, curta para dar um bom atendimento a esses alunos:

“Sinceramente não, porque a gente não tem tempo, 40 minutos na sala, mal dá para você dar aula, quanto mais para ter este atendimento individualizado.”

Parece-nos que os 40 minutos são insuficientes para se conhecer qualquer turma, independente dos que se acham "incluídos". Por outro lado, se este aluno está sendo incluído em uma classe de ensino regular, ele terá que acompanhar as aulas no mesmo tempo que os demais alunos, o que, no caso de um aluno com paralisia cerebral, traz complicadores adicionais. Entretanto, algumas simples adaptações podem ser implementadas para agilizar processos nos quais esses alunos teriam dificuldades. O uso de papel carbono e uma folha a parte em um caderno de outro aluno ou tirar foto-cópia deste caderno, o uso de gravador, a

preparação pelo professor de textos explicativos, são procedimentos simples que podem facilitar a vida escolar deste educando, diminuindo, assim, a preocupação do professor com as necessidades especiais dos alunos portadores Paralisia Cerebral durante as aulas. Isso irá minimizar o tempo desperdiçado com cópias ou anotações realizadas, tanto pelo aluno com dificuldades motoras, quanto às feitas pelo professor no intuito de auxiliar este aluno.

O tamanho das turmas foi outro problema apontado por nossos entrevistados, como foi o caso de um professor que nos fez a seguinte declaração:

“Com as turmas grandes como a gente tem, eu acho complicado sim, eu acho complicado.”

Realmente, quando a turma é numerosa, o trabalho docente fica comprometido em qualquer situação regular e, mais ainda, com alunos incluídos. O professor pode se sentir incomodado por achar que não está dando a atenção que acha que o aluno necessita. Mas esse problema não afeta somente os alunos portadores de Paralisia Cerebral, tal problema pode afetar todos aqueles que venham a possuir alguma dificuldade que exija uma atenção maior do professor.

O modelo da inclusão convida os professores a ter um olhar a cada aluno, para assim poder conceder direitos iguais a todos, como nos lembra Stainback & Stainback (1999):

Se realmente desejamos uma sociedade justa e igualitária, em que todas as pessoas tenham valor igual e direitos iguais, precisamos reavaliar a maneira como operamos em nossas escolas, para proporcionar aos alunos com deficiências as oportunidades e as habilidades para participar da nova sociedade que está surgindo (p.29).

O processo de mudanças operacionais nas escolas só irá ocorrer na medida em que essas instituições reconheçam sua responsabilidade com todos os alunos, evitando haver preferências ou discriminações, dando ao professor melhores condições de trabalho e uma remuneração que permita não precisar trabalhar em mais de uma escola.

Aliás, tivemos um professor que citou exatamente a dificuldade de ter outras turmas para trabalhar e não apenas aquela onde há um aluno portador de Paralisia Cerebral incluído:

“Eu tenho 6 turmas nesta escola, não trabalho só aqui, mal tenho condição. Isto é muito bonito, mas se tivesse condições para trabalhar com um grupo de pessoas que pudesse trabalhar. Aí com certeza, quem me conhece, saberia que eu ia buscar todos os recursos possíveis e imaginários para ajuda.”

Estamos solidários com este professor que nos aponta as condições inóspitas de seu dia-dia profissional. Mas, ainda assim, pensamos que a busca de informação está relacionada com o interesse; logo, a falta de tempo pode atrapalhar, mas não impede de procurarmos conhecimento, pois tal busca nunca deve cessar. O professor precisa estar ligado a novas idéias, novas descobertas, novas situações, tanto internas quanto externas à escola onde leciona. A falta de tempo não pode ser uma justificativa para uma inércia intelectual, sustentada pela idéia de que se ele tivesse condições seria diferente.

- **Problemas causados pelas peculiaridades dos alunos**

Alguns professores disseram existir problemas relacionados às peculiaridades desses alunos ou seja problemas causados pela deficiência do aluno e a interferência que causam ao restante da turma. Encontramos um professor que fez alusão a essa interferência dizendo que este aluno, praticamente, dificulta a dinâmica:

“Claro, interfere. Ele, praticamente, dificulta a dinâmica, ele cessa, a gente não pode aplicar a dinâmica, tem que fazer uma derivação. A gente tem que fazer uma improvisação. Mas nunca é boa esta improvisação, porque o próprio meio, os próprios alunos, que não são portadores de deficiência, discriminam.”

Mesmo em uma turma sem portadores de Paralisia Cerebral, teremos, sempre, que adaptar ou derivar atividades, ou por motivos de número reduzido de alunos ou por não atingir os objetivos que se espera, ou pelas heterogeneidades de interesses, gostos e aptidões dos alunos.

As atitudes discriminatórias dos alunos não portadores de deficiências podem ser reduzidas, na medida em que esses alunos reconhecerem a importância da atividade realizada pelo aluno portador de Paralisia Cerebral, não vendo esta apenas como uma derivação do que é proposto para os demais alunos. Mas, se o próprio professor não acredita em seu trabalho de inclusão, é muito provável que

não consiga criar na turma um ambiente acolhedor de respeito às diferenças, fortalecendo assim as discriminações.

Houve professores que mencionaram, ainda, que alguns tipos de trabalhos, como os de grupo, são diminuídos em sua quantidade, devido às dificuldades destes alunos:

“Interfere no momento em que você tem que diminuir o numero de trabalhos de grupo, porque quando você está dando aula normal no quadro, giz, livros didáticos a acompanhante consegue passar a aula para a aluna, mas quando o trabalho é um trabalho de criação de grupo, quer dizer não é esta aluna que está criando nada. Ela simplesmente está sentada dentro de um grupo, mas não está tendo possibilidade de criar, porque se for criar quem vai criar será a acompanhante da aluna.”

Primeiro é preciso pontuar que o não poder se expressar corretamente não é sinônimo de impossibilidade de criar! Por outro lado, é benéfico para todos os alunos que este professor procure alguma alternativa para inserir este aluno em trabalhos de grupo, podendo até o professor interferir para mostrar aos alunos que é possível a participação deste aluno, mesmo que seja sinalizando aquilo que deseja, pois a interação com os demais alunos é um dos principais benefícios da inclusão. Apesar de todas as dificuldades, essa troca entre este aluno e os demais é fundamental para todos e não apenas para o aluno "incluído". É isso que o aluno portador de Paralisia Cerebral deseja, como nos explicita Stainback & Stainback (1999): “Na verdade, eles anseiam tanto confrontar tais realidades que negá-las impede o seu crescimento como seres humano”(p.62)

• Argumentos a favor ou não da inclusão

Durante as entrevistas também foi ouvido o posicionamento de professores quanto sua crença no paradigma da inclusão, onde uns destacaram argumentos a favor da inclusão e outros se mostraram reticentes.

Os professores que citaram argumentos a favor da inclusão, destacaram os seguintes pontos, que fazem com que esta filosofia seja benéfica para todos. O primeiro ponto que destacamos é a socialização:

“ Na socialização, na hora em que ele faz amigos, onde o colega vê que existe outra pessoa diferente e que é tão importante quanto ele.”

“ Eu acho muito importante em termos de socialização, em termos do se sentir:” eu sou diferente, mas posso ser igual”.

A visão destes professores é muito interessante e importante. O aluno quando realiza uma socialização com o resto da turma, se sente melhor, e isso se refletirá em seu rendimento e sua participação em sala de aula, além de favorecer o crescimento de sua auto-estima. Criar laços de amizade faz com que estes alunos tenham oportunidades de trocas afetivas com os outros alunos, ampliando assim suas relações sociais.

O segundo ponto que destacamos é o contentamento deste aluno, em se sentir integrado, conforme colocado por este professor:

“ Eu acho que ele fica super feliz, porque ele participa da mesma forma que os outros, ele tem amigos, ele tem uma vida normal igual aos outros alunos.”

Este professor menciona a felicidade que sente no aluno por estar integrado à turma, participando, juntamente com os demais alunos. Quando avaliamos a validação do paradigma da inclusão, temos que avaliar qual a transformação que este modelo educacional pode causar à vida deste aluno, que como dito anteriormente, pode se sentir mais socializado e aceito por todos.

O terceiro ponto a ser destacado, encontrado na seguinte entrevista, foi o fim do isolamento que havia antigamente, excluindo estes alunos do contato com os demais alunos:

“ Eu acho importante, pois permite a uma criança destas, que antigamente ficava isolada, ter um maior contato com outras crianças, crianças que não são como ela, que não têm a deficiência que ela tem.”

A inclusão tem como principal objetivo, acabar com o isolamento que antes existia, privando estes alunos de um convívio com crianças, ou jovens sem deficiência. Então, estes depoimentos vêm confirmar que apesar de possuírem alguns pontos polêmicos, o processo da inclusão está cumprindo, nessas escolas, parte da finalidade social.

Quanto aos argumentos contra a inclusão, durante nossas entrevistas, nos deparamos com professores, que demonstraram motivos para não acreditar na inclusão dos alunos portadores de Paralisia Cerebral, no ensino regular. Dentre estes motivos, gostaríamos de ressaltar um, que vai totalmente contra os princípios

de igualdade, endossados pelo paradigma da inclusão, encontrado no seguinte trecho desta entrevista:

“ Para tudo que é atividade, você tem uma triagem. Então nós pegamos aquele perfil, aquele pessoal que nós vamos trabalhar, tem que ter um determinado perfil. A escola não, a escola pega gato, cachorro, lagarto, cego, manco, aleijado, e isto, desgasta o professor. E a escola fica do jeito que você está vendo, fica inadmissível. Ninguém consegue administrar gato, cachorro, lagarto, entendeu, traficante, trombadinha, bota tudo dentro da escola e acha que a escola tem o poder de fazer alguma coisa, e não pode.”

O discurso deste professor é caracterizado por um forte preconceito, usando a palavra aleijado, para denegrir alunos portadores de deficiência, e gato, cachorro, lagarto, relativos a crianças e ainda fazendo da escola um "liquidificador" que pasteuriza tudo! É lamentável que um professor, regente de turma, comprometido com um trabalho educativo, tenha este tipo de posicionamento diante da inclusão, achando que a escola regular deveria ser privilégio apenas de uma elite, segundo ele, formada por alunos escolhidos em uma triagem, sabe-se lá com que critérios.

Outro motivo que foi levantado contra o processo da inclusão, foi achar que estes alunos deveriam estar em uma escola especial, unicamente para eles. Isto ficou evidenciado nas seguintes falas:

“ Eu acho que o aluno não deve sentir liberdade de se encaixar naquela realidade. Eu acho que deveria ser uma escola especial para este tipo de aluno, até para ele se sentir melhor no ambiente em que ele está vivendo. Eu acho que ele vai progredir junto com aqueles que têm o mesmo problema....”

“ Eu acho que eles deveriam fazer um trabalho duplo. Eles freqüentariam uma escola regular e uma escola especial, se houvesse tempo disponível. É importante para que eles até se integrem em uma sociedade considerada normal.”

Na primeira colocação citada, o professor é incisivo em falar que estes alunos deveriam estar em uma escola especial, com a justificativa de um melhor progresso. Isto vai de encontro a tudo que já foi mencionado neste trabalho, sobre a importância do paradigma da inclusão. A segunda colocação defende que estes alunos freqüentem duas escolas, sendo uma especial e a outra regular. Além de não corresponder aos fundamentos do paradigma da inclusão, não é possível na prática, pois este aluno necessitaria de tempo para estar em dois lugares diferentes, o que em si já é um problema físico e muitas vezes, de natureza também

econômica. Acrescenta-se a isso, a necessidade que o aluno com paralisia cerebral precisa também de tempo para realizar as atividades, inclusive, de reabilitação.

O último motivo citado contra o processo da inclusão, foi a falta de apoio e preparo, sentida pelos professores, para realização deste processo, conforme a seguinte entrevista:

“ Ainda não, acho que ainda não tem este comprometimento não. Por mais apoio que as pessoas da Coordenadoria, venham e orientem a gente, é muito pouco.”

Podemos observar aqui que a falta de apoio ao professor acarreta pouca crença na implementação da inclusão, ficando estes educadores dependentes de trabalho do professor itinerante.

Para que se realize a inclusão escolar efetiva destes alunos é necessário que haja troca de informações entre a família do aluno, a escola e a comunidade, como nos propõem Carvalho (1998) :

A operacionalidade da inclusão de qualquer aluno no espaço escolar deve resultar de relações dialógicas, envolvendo família, escola e comunidade, de modo que cada escola ressignifique as diferenças individuais, bem como reexamine sua prática pedagógica (p.193)

Acreditamos que, através de um diálogo mais efetivo de todos aqueles que fazem parte da rotina deste aluno, dentro e fora da escola, e inclusive com o próprio aluno, pois ninguém melhor que ele sabe do que necessita, é que iremos construir uma escola inclusiva e democrática.